



VII ENLIJE

EM GNOMÓPOLIS TEM BAILARINAS: A POESIA DE GLÁUCIA DE SOUZA PARA A INFÂNCIA

Autora: Maria Elzilene Moreira Nóbrega e Oliveira; Orientadora: Keila Andrade Haiashida

Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central – FECLESC
elzilenenobrega@gmail.com; keilandrade@hotmail.com

Resumo:

O livro *Do alto do meu chapéu* da escritora carioca Gláucia de Souza apresenta vinte e dois poemas para crianças. Neste trabalho destacamos cinco poemas com narrativas curtas e adotamos como principal critério de seleção o poema que expressasse explicitamente a figura da bailarina, pois nos remete a um conto de Hans Christian Andersen. O objetivo geral deste trabalho é aproximar as crianças da leitura poética com propostas de atividades com leitura da escrita e da imagem. O aporte metodológico tem abordagem qualitativa, com pesquisa bibliográfica que consiste em leitura e análise de poemas para a construção do sentido do texto. Analisamos os cinco poemas, observando a figura da bailarina, as ilustrações em *papercuts* de Hans Christian Andersen e propomos estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula com crianças, adotando a perspectiva da poesia como arte, promovendo uma leitura com deleite e fruição. A poesia infantil é uma vela acesa que projeta imagens na imaginação das crianças, ampliando sua capacidade criativa, imagética e lúdica, visto que os poemas brincam com as palavras, num jogo simbólico, com sonoridade, ritmo e um conjunto de qualidades que envolvem e atraem as crianças. São acionados para fundamentar a importância da poesia em sala de aula, as reflexões de Coelho (2000) e Pinheiro (2008). Para que as estratégias sugeridas façam-se presentes na sala de aula é essencial o papel do mediador. Este sujeito que planeja a leitura em voz alta, pesquisa informações e busca sentidos na leitura, para produzir sentidos no ouvinte. O mediador é o responsável por facilitar a plena fruição do poema. O mediador neste caso é o professor.

Palavras-chave: Poesia Infantil, Experiência Poética, Educação Infantil.

“VEJO UM MOINHO DE IDEIAS”: PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

O presente ensaio apresenta como objeto de estudo cinco poemas do livro *Do alto do meu chapéu* publicado em 2011 (Projeto Editora) da escritora carioca Gláucia de Souza. As ilustrações de *papercuts*¹ são de Hans Christian Andersen, considerado o pai da literatura infantil mundial. Na verdade, os poemas foram escritos a partir das ilustrações de Andersen, segundo as informações contidas no próprio livro.

O livro apresenta vinte e dois poemas, com narrativas curtas, em sua maioria com rimas e seres fantásticos, tais como princesas, piratas e figuras do circo. Também apresentam elementos característicos da literatura dos contos maravilhosos, como castelos, jardins, bosques encantados. Como critério de seleção dos poemas a serem estudados, escolhemos cinco em que aparecem a palavra “bailarina” na composição do poema, mesmo que a bailarina não seja o elemento principal desta linguagem.

¹ É uma técnica artística para criar imagens, através de recortes de papel.





VII ENLIJE

A justificativa para a escolha deste livro foi trabalhar com uma escritora de livros infantis ainda viva e excepcional em trazer as ilustrações do ícone da literatura infantil, ao lado de Perrault e dos irmãos Grimm. Uma vez que, a assinatura de Hans Christian Andersen revela à ancestralidade, a simbologia e a intensidade dos contos maravilhosos, imortalizados na memória das crianças, como *O patinho feio*. Inclusive, a preferência pela figura da bailarina é baseada na personagem marcante do conto de Hans *O soldadinho de chumbo*.

Hans Christian Andersen, além de escrever contos para as crianças, desenhava e recortava figuras cheias de significados no papel, a partir da arte dos *papercuts*. Enquanto narrava as histórias para amigos, Hans recortava o papel e ao final da narrativa apresentava para os ouvintes, desenhos repletos de fantasias, que possibilitavam diversas interpretações. São essas criações simbólicas² produzidas no século XIX que ilustram o livro de Gláucia de Souza e que nos convidam a conversar sobre a pluralidade de significados presentes numa obra voltada para o público infantil.

A pesquisa teve por objetivo geral aproximar as crianças da leitura poética com propostas de atividades com leitura da escrita e da imagem. Os objetivos específicos são: compreender as imagens que os poemas produzem nos ouvintes, relacionar as ilustrações do livro com as imagens suscitadas pelos poemas e criar estratégias de leitura destes poemas em salas de aulas com as crianças.

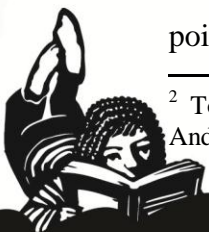
Denominamos as crianças como ouvintes de poesia, não por considerarmos o sentido da audição mais relevante que os outros ou por não considerarmos as crianças como leitoras. Pelo contrário, acreditamos que o ouvir poesia em voz alta é uma porta de abertura para que as crianças apreciem e desenvolvam o hábito de ler e se encantar pelos textos. Escolhemos o termo ouvinte, pois nos remetemos aos hábitos da tradição da poesia oral (ZUMTHOR, 2014)

Acreditamos que a poesia é um direito fundamental para o desenvolvimento dos sentidos, da imaginação e para a formação de crianças mais humanas, livres, empáticas e sonhadoras, visto que a leitura poética atravessa as nossas emoções, nos transporta para outras atmosferas, cria novos significados, nos faz pensar na delicadeza do cotidiano e nas complexas experiências humanas.

EM PONTA DE PÉ: METODOLOGIA

O aporte metodológico tem abordagem qualitativa, do tipo descritivo-exploratório, pois segundo os pressupostos de Oliveira (2014), a pesquisa qualitativa no tratamento dos

² Todas as ilustrações dos cinco poemas selecionados podem ser consultadas no site The Hans Christian Andersen Museum pelo link (<http://andersen.museum.odense.dk/klip/billedstart.asp>) acessado em 01/06/2018.





dados coletados caracteriza-se pela tentativa de explicar os resultados com mais profundidade e significado, por meio das análises empregadas.

O procedimento escolhido foi a pesquisa bibliográfica, a partir dos levantamentos e seleção das obras teóricas que foram utilizadas na análise dos resultados. Seguimos os seguintes passos da pesquisa, que foram realizados em duas etapas: a seleção e análise dos poemas. Como mencionou Lakatos e Marconi (2010, p.166) “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sob certo assunto, mas propicia o exercício de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

A coleta dos dados e as análises foram feitas simultaneamente. Levou-se em consideração as ilustrações em *papercuts* do Hans Christian Andersen, visto que toda a escrita da Gláucia de Souza foi através das suas experiências com essas ilustrações. Ou seja, o processo criativo do poema surgiu através da ilustração.

As estratégias propostas para serem realizadas e mediadas em sala de aula com as crianças foram criadas e sugeridas a partir das nossas experiências com a leitura poética de poemas de outros livros para as crianças da turma do infantil V de uma creche em tempo integral na cidade de Pacajus, Ceará.

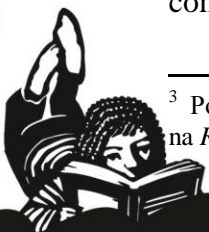
UM CASTELO DE BAILARINAS: CINCO POEMAS DE GLÁUCIA DE SOUZA

A poesia é um estado de ver as coisas de certo modo (COELHO, 2000). Uma pedra é algo que comumente vemos, nas ruas, nos jardins, em vasos, mas a pedra dentro de uma poesia, assim como fez Drummond³ nos mostra uma perspectiva para além do campo visível e palpável. Essa pedra no caminho é algo que difere para cada leitor, pois somos sujeitos constituídos pela pluralidade e subjetividade.

O encantamento da palavra poética transporta os leitores para dentro de si e para fora ao mesmo tempo, multiplicando-se as palavras em diversos sentidos. A pedra, possivelmente não será imaginada pelo ouvinte como seu conceito na natureza, apenas um mineral, e sim como um elemento que, “dependendo do olhar e do espírito de quem a lê” (COELHO, 2000, p. 222) sofrerá muitas variações, pautadas na habilidade e experiência de cada ouvinte.

Acreditando no encantamento da palavra poética observamos cinco poemas que podem ser trabalhados em sala de aula, com crianças de diversas idades. Porém, concordamos com Hélder Pinheiro (2008) ao mencionar que o principal desafio para se trabalhar com

³ Poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, publicado pela primeira vez em 1928 na Revista de Antropofagia.





VII ENLIJE

poemas nas instituições educacionais seja a dificuldade dos professores em ler, se apropriar desta linguagem e apreciarem a fruição poética.

Diante disso, a principal estratégia para todos os cinco poemas (e para tantos outros poemas que forem trabalhados em sala de aula) é a leitura prévia do professor, como um planejamento, para observar a leitura em voz alta, as pausas, a criação do ritmo da poesia, a elaboração das imagens que cada palavra instiga e a própria composição dinâmica que cada leitura sugere.

O primeiro poema que observamos intitula o livro

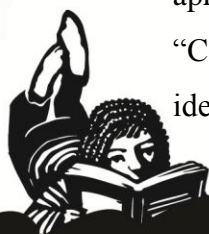
Do alto do meu chapéu / vejo um moinho de ideias: / um castelo de bailarinas, / anjos de asas meninas / e um cisne jardineiro, / brotado ao pé do canteiro. // Do alto do meu chapéu, / me espanto com quase nada: / mil degraus em pouca escada, / um punhado de rimas / e um poema quase inteiro, / nascido ao sol de janeiro (SOUZA, 2011, p. 10).

As palavras que rimam (bailarinas/meninas, jardineiro/canteiro, nada/escada, inteiro/janeiro) criam uma sonoridade agradável aos ouvidos das crianças, trazendo imagens lúdicas que permeiam o universo infantil. Essas imagens são provocadas, pois poesia não são somente palavras “poesia é também imagem e som” (COELHO, 2000, p. 222).

A bailarina vive em um castelo, transportando a simbologia de rainhas e princesas que povoam os castelos dos contos maravilhosos, para a figura da bailarina. Na verdade, são bailarinas, no plural, rompendo com a unilateralidade e centralidade de uma única protagonista. No *papercuts* do Hans Christian Andersen que ilustra esse poema, um homem ergue um enorme chapéu, segurado por suas duas mãos. Na mão direita, a figura da bailarina mistura-se com a imagem do cisne jardineiro no canteiro. O chapéu revela-se pesado para o homem, pois suas pernas estão flexionadas e sua boca aberta indicam esse esforço de carregar um castelo e tantos outros elementos que surgiram na imaginação de Andersen.

Uma possível brincadeira ou estratégia para utilizar em sala de aula e ampliar os sentidos do poema lido, seria propor para as crianças criarem imagens para carregar no alto de cada chapéu, que pode ser feito de papel ou na imaginação de cada criança. Inclusive, trazendo rimas para compor o dinamismo da poesia infantil, pois como nos diz Coelho (2000, p. 243) “a nova poesia infantil descobre a palavra como um jogo, uma brincadeira com a fala, com a pura sonoridade”.

No poema *Em cada frasco* (p. 32) a autora brinca com o jogo poético das palavras, apresentando uma simbologia nutritiva para a imaginação das crianças. Como no poema, “Cabe em cada frasco / um diferente segredo: / gênios em lamparina, / pérolas em ostras, / ideias em quem imagina, / coragem em quem tem medo”. O segredo, o medo e as ideias estão





VII ENLIJE

presentes no cotidiano do ser humano, em especial das crianças que estão descobrindo e nomeando seus sentimentos e emoções.

A narrativa prossegue, sendo lançando ao mar o frasco que merece um pouco de descanso. A simbologia de uma garrafa lançada ao mar com a carta de segredos nos faz pensar na incerteza do destino. Quem lerá esta carta? Em que lugar será encontrada essa garrafa? Será que a garrafa sobreviverá às intempéries do mar? A incerteza é uma sensação que povoa as nossas escolhas e está no fazer do dia-a-dia.

Finalizando o poema a escritora diz “Cabe um mundo / e até duas bailarinas em ponta de pé”. Numa garrafa que cabe segredos, que encoraja quem tem medo e cria ideias em quem imagina, na metáfora empregada cabe um mundo inteiro, acomoda-se tudo o que o leitor deseja arrumar no seu frasco. As bailarinas presentes no final do poema surgem a partir do *papercuts* de Andersen, que condiciona duas bailarinas, na ponta do pé, na esperança de preservar/proteger o seu ballet, assim como se guardam os segredos.

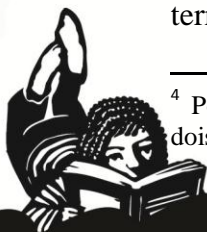
Uma estratégia para se usar em sala de aula com crianças que ainda não são leitoras é fazer desenhos sobre o que desejariam guardar em segredos dentro de garrafas reutilizadas para essa brincadeira. Já com as crianças maiores, elas podem escrever seus segredos, trocar as garrafas ou lança-las no mar. No ato de recriar as palavras, por meio de um poema, as crianças se aventuram e vivem a liberdade (PAZ, 2012).

Paz (2012, p. 196) ainda afirmou que “a palavra poética jamais é completamente deste mundo: sempre nos leva além, a outras terras, a outros céus, a outras verdades”. Acrescentamos também, que a palavra poética nos leva para outras possibilidades, como verificamos no poema *Em Gnomópolis* que somente pelo título possibilita o exercício de imaginar uma narrativa, criando personagens e situações que acontecem nesse ambiente.

No poema citado a escritora nos apresenta um texto curto, envolvido numa situação fantasiosa relatada no conto maravilhoso escrito por Andersen *Polegarzinha*⁴. Poemas curtos podem e devem ser explorados com crianças menores, favorecendo uma convivência mais próxima com o texto. Vejamos o poema: “Quando saio pelo jardim, / cada raio que cruza assim / pelas nuvens do céu, / por mim, / mais parece luz, / querubim, / borboleta-bailarina, / asa de pássaro que vinha / pra buscar Polegarzinha”. (2011, p. 36).

Gnomópolis é um ambiente onde vivem criaturas mágicas e místicas ou poderíamos afirmar que é a cidade onde nascem e vivem os Gnomos. Ou seja, o próprio título sugere uma terra do universo imaginado, encantado, em que tudo é possível. Existe em Gnomópolis um

⁴ Polegarzinha é uma história escrita pelo Hans Christian Andersen que narra à saga de uma menina com apenas dois centímetros e meio de altura em busca da sua felicidade.





jardim, assim como uma floresta para a Chapeuzinho Vermelho, um bosque para a Branca de Neve. É o elemento da natureza, simbólico e presente nos contos maravilhosos, também permeando a obra de Gláucia de Souza.

No conto *Polegarzinha* escrito pelo Hans Christian Andersen a borboleta branca aparece para ajuda-la a navegar mais rápido pelo rio. No poema de Souza, a borboleta é bailarina, seu voo é uma dança. Essa identificação entre as palavras borboleta/bailarina forma uma percepção sonora que atrai e instiga a elaboração de imagens nas crianças, fazendo com que estabeleçam correlações entre as asas de uma borboleta, com os braços abertos da bailarina; a leveza do voo, com a ponta do pé de uma bailarina.

O raio solar que atravessa as nuvens e nos permeia é uma luz de anjo, que protege e salva, da mesma forma como as asas da Andorinha que liberta a Polegarzinha e a conduz para a felicidade. Os últimos versos do poema de Souza estão intimamente relacionados com o conto escrito por Hans Christian e uma estratégia para ressignificar os efeitos desta leitura seria ler o conto a *Polegarzinha* em sala de aula e traçar suas semelhanças.

Na ilustração identificamos uma árvore do jardim que suspende o anjo, a borboleta-bailarina, as flores e a menina Polegarzinha no topo, em cima de sua flor. Um gnomo no canto revela, talvez, a escolha do título do poema. Os recortes de papel favorecem uma apreensão do conjunto poético para as crianças.

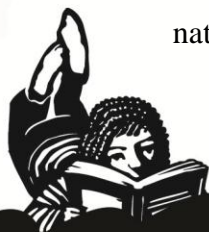
Outro poema que aborda as palavras borboleta/bailarina é o poema *Borboleta* em que a escritora brinca de fazer perguntas para a borboleta:

Borboleta, me traz um dia / de presente? / Pula e dança / na minha frente? / Faz nuvem torta / ter cara de gente? / Ou cara triste / ser contente? // Borboleta, sem nem mais, / me ensina: / a ter cara de menina? / a gritar que nem buzina? / a catar vento em esquina? // Mas se não der ... / Borboleta, me faz ... // Ah! Me faz ser // ... bailarina! (SOUZA, 2011, p. 12).

Novamente a autora correlaciona as palavras, criando uma correspondência entre bailarinas e borboletas, num jogo poético com perguntas sem respostas prontas e tampouco lógicas. Conforme afirmou Paz (2012, p. 198) “o poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor”. Neste caso, as respostas das crianças, a partir das suas experiências proporcionarão um novo sentido para esta poesia.

O humor está presente neste poema que aponta a borboleta como uma professora para o leitor, flexibiliza a partilha e a democratização dos conhecimentos. Uma criança pode aprender com a borboleta? Na poesia, e na arte em geral, com certeza aprendemos com a natureza e seus animais. Coelho (2000, p. 253) afirmou que

Os animais-personagens continuam sendo de grande aplicação para a meninada, principalmente quando colocados em situações cômicas, engraçadas.





VII ENLIJE

fora do comum. Situações expressas através de brincadeiras inteligentes com a palavra, seus jogos sonoros, seu duplo sentido, visando o puro entretenimento e prazer [...] mas que fazem ver as coisas comuns por outros primas.

Vemos, por exemplo, que recebemos diariamente um dia de presente ao acordarmos, em comparação com as pessoas que não estão mais vivas, porém essa sensibilidade só foi possível a partir da leitura deste poema, em que a escritora cogita “borboleta, me traz um dia de presente?”. E se ao final, nenhum dos desejos feitos em forma de perguntas forem contemplados, um último pedido é implorado como bálsamo “me faz ser ... bailarina!”.

Esse ser bailarina que dança, pula, brinca com o vento “é a própria liberdade se expandindo para tocar em algo” (PAZ, 2012 p. 198), e esse algo apresenta-se em uma diversidade de experiências com o vivido e o poético do leitor. Em sala de aula, a professora poderá intensificar o efeito da leitura deste poema com a brincadeira: perguntas para a borboleta, em que cada criança elabora, a partir da linguagem poética, uma pergunta e entrega-a para que um colega responda também, observando a sensibilidade da pergunta. Assim, juntos e em sala de aula, as crianças criam uma atmosfera singular promovida pelas possibilidades das palavras na poesia.

A ilustração em *papercuts* de Hans Christian neste poema é formada por uma borboleta que tem nas pontas das suas asas, duas borboletas, uma em cada lado. O recorte de papel nos revela que no movimento de bater as asas para voar, a borboleta faz com que as bailarinas dançam e nesta relação, quando a bailarina dança, o voo da borboleta transformar-se em algo único e apreciado esteticamente.

O último poema é o *Planisfério* cujo nome já nos indica mais ou menos o assunto. Uma estratégia para instigar o envolvimento das crianças na leitura do poema seria explorar esse título, antes de realizar a leitura em voz alta. E no final da leitura do poema levantar hipóteses sobre a escolha que a autora fez em empregar esse nome no título.

O poema é o seguinte:

Fiz o mapa do meu reino
num jardim muito pequeno:
dentro de uma caixinha.
Que minúsculo terreno!
Tinha mar feito de pingo.
Cada estrada, um fio fino...
E o vento era só sopro
de assobio de menino.
Em tão pequeno espaço
quase não cabe nada.
Muito difícil para mim
ter minha terra habitada.





VII ENLIJE

Então chamo todos!
(gnomos, anjos, anões,
fadas, elfos e bailarinas,
pierrôs e colombinas)
todos que queiram, assim,
vir morar no meu jardim!
(SOUZA, 2012, p. 50).

O jogo poético se constrói na oposição entre os sentidos das palavras, pois reino equivale à extensão de terras, mas o mapa é feito apenas no “jardim muito pequeno”; o mar é um infinito de água, mas neste poema o mar é feito por um pingo de água; e o vento saía pela boca de um menino. Essa brincadeira com as palavras propõe uma nova maneira de ver as coisas pequenas e despercebidas no dia a dia que causam grandes efeitos na imaginação das crianças. Observamos as proporções que toma um pingo de água e a intensidade do assobio de uma criança. A poesia “é um jogo que enriquece interiormente aqueles que a ela se entregam” (COELHO, 2000, p. 245), pois nos vemos com outros olhos aquilo que está sempre presente.

A narrativa continua e para habitar esse reino dentro de uma caixinha, a escritora convida seres fabulosos, mágicos e místicos, como os anões, fadas, elfos e situa nesse universo a bailarina, pierrôs e colombinas⁵. A representação da bailarina transformou-se com a ascensão do romance, trazendo para o ballet elementos dos sonhos e dos contos, por isso, a bailarina tornou-se uma personagem marcante ao lado de princesas, bruxas e fadas.

Dentre os *papercuts* apresentados este é o mais emblemático e encantador, pois consubstancia numa ilustração vários personagens simbólicos dos contos e do repertório das crianças, incluídos no poema da Gláucia de Souza. Inclusive, em sala de aula, é possível explorar e descrever todos esses personagens, como uma predição da leitura do poema para que se intensifiquem os efeitos da imaginação.

A imaginação é para Paz (2012), um elemento essencial que sacia o desejo do ser humano, e com a linguagem poética, a imaginação transforma o homem em um ser mais sensível e capaz de compreender todas as dimensões que nos tocam, sendo razão e conhecimento, mas também, emoção e percepção.

A aproximação das crianças com a poesia nas salas de aulas, dentro de um planejamento que valorize o sentido artístico e lúdico do poema, segundo Pinheiro (2008) não os tornam apenas seres mais sensíveis e leitores, mas os tornam também, seres humanos capazes de compreender as complexas relações que permeiam a vida em sociedade.

⁵ Pierrôs e Colombinas são personagens de um estilo teatral conhecido como *Commedia dell Arte*, surgido na Itália no século XVI. Integrantes de uma trama cheia de sátira social, composta por três personagens. No poema, a escritora não menciona o Arlequim.





CABE NUM FRASCO UM SEGREDO: CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que os cinco poemas de Gláucia de Souza observados são experiências poéticas que fortalecem a imaginação das crianças, ampliam seus repertórios de palavras, a partir do jogo lúdico construído entre os textos, seus sentidos e as ilustrações, e envolvem o leitor na brincadeira das palavras, com suas sonoridades, ritmos e cadências.

No poema *Em Gnomópolis* a escritora utilizou, no seu processo criativo, a experiência da leitura do conto *Polegarzinha*, indicando que além das ilustrações em *papercuts* do Hans Christian Andersen, a produção literária dele também influenciou na escrita dos seus poemas. Ou seja, a escritora está nos guiando o tempo inteiro para uma aproximação com a obra do autor dinamarquês.

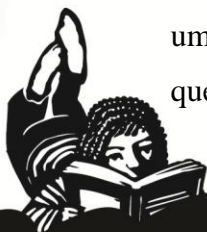
Os poemas em si relatam situações fantasiosas, experiências lúdicas e impulsionam a imaginação dos leitores para além dos sentidos das palavras escritas. Encorajam as crianças a observarem os versos curtos, as estrofes breves e o movimento das palavras escritas numa linha de criação que revitaliza os personagens dos contos maravilhosos.

Uma das personagens revitalizadas nos poemas é a bailarina, uma figura tão presente no universo infantil, como as bruxas e as fadas. Na literatura infantil brasileira, os poemas da Cecília Meireles e da Roseana Murray reforçam e consagram a bailarina como uma personagem sensível, significativa e poética.

As estratégias sugeridas para o uso dos cinco poemas em salas de aulas sempre indicam que a poesia é uma arte, dentro e fora do ambiente escolar. Na verdade, independente do lugar, poesia é arte. O ambiente escolar precisa urgentemente desenvolver a dimensão poética das crianças para que elas não corram o risco de ter uma degenerescência na sua formação intelectual.

As estratégias do uso da poesia em sala de aula precisam romper com as abordagens pragmáticas, para criar experiências afetivas de uma leitura que propicie fruição e o deleite da palavra poética. Por exemplo, no poema *Borboleta* não será significativo para a criança explorar apenas a letra B ou sua família silábica. O poema deixaria de cumprir uma função simbólica para a criança, para cumprir uma função didática-pedagogizada.

Tampouco será prazeroso para a criança atividades que exijam a memorização do poema para a sua declamação em voz alta em festinhas do calendário escolar, pois a leitura de um poema é subjetiva, pessoal e deve ser feita espontaneamente. Imposição é uma palavra que não combina com poesia.





VII ENLIJE

Para que as estratégias sugeridas façam-se presentes na sala de aula é essencial o papel do mediador. Este sujeito que planeja a leitura em voz alta, pesquisa informações e busca sentidos na leitura, para produzir sentidos no ouvinte. O mediador é o responsável por facilitar a plena fruição do poema. O mediador neste caso é o professor.

Por fim, acreditamos que as instituições educacionais são responsáveis por nos apresentarem a produção dos poetas brasileiros e estrangeiros, ampliando o repertório, estreitando o contato com esta linguagem, divulgando novas escritas, além de difundir poemas com qualidade estética e frutiva para os alunos. A poesia, dentro das escolas faz-se um direito.

REFERENCIAS

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** São Paulo: Moderna, 2000.

LAKATOS, E. M; MARCONE, M. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Editora Atlas, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis: Vozes, 2014.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira.** São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PINHEIRO, Helder. **Caminhos da abordagem do poema em sala de aula.** João Pessoa: Graphos, 2008.

SOUZA. Gláucia de. **Do alto do meu chapéu.** Porto Alegre: Projeto Editora, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Cosac Naify, 2014.

